

## PALHAÇOS SEM FRONTEIRAS: O CIRCO A SERVIÇO DA SOCIEDADE

Marco Antonio Coelho Bortoleto

**Resumo:** Algumas experiências pessoais assumem uma dimensão social e coletiva que não poderiam se restringir unicamente à memória individual, o que impediria o acesso de outras pessoas sobre os conhecimentos e conseqüências provenientes desta experiência. Neste sentido, apresentamos o relato da missão humanitária destinada ao Sri Lanka, organizada por *Palhaços Sem Fronteiras* e coordenada por *Médicos Sem Fronteiras*. Tivemos como objetivo minimizar os efeitos da catástrofe que afetou o Sri Lanka no final de 2004 através de espetáculos e oficinas circenses em centros educativo-sociais e principalmente nos campos de refugiados.

**Palavras-chaves:** circo, sociedade, Palhaços Sem Fronteiras, ajuda humanitária.

## CLOWNS WITHOUT BORDERS: THE CIRCUS AT THE SERVICE OF SOCIETY

**ABSTRACT:** Some personal experiences assume a social and collective dimension that cannot be solely limited to individual memories that would prevent access by other people to the knowledge and consequences of these experiences. For this reason, we present a report on a humanitarian mission to Sri Lanka, organized by *Clowns Without Borders* and coordinated by *Doctors Without Borders*. The objective was to minimize the effects of the catastrophe that struck Sri Lanka in 2004, through circus presentations and workshops in educational-social centers and principally in the refugee camps.

**Key words:** circus, society, Clowns Without Borders, humanitarian aid.

## PALHAÇOS SEM FRONTEIRAS, A RISADA COMO PATRIMÔNIO DA HUMANIDADE<sup>1</sup>

Desde a fundação das primeiras *Organizações não Governamentais* (ONGs)<sup>2</sup>, além de outras instituições privadas que também se dedicam a ajuda humanitária, observamos que o poder público não é o único capaz de contribuir no processo de reintegração social e cultural de sociedades ou países vítimas de conflitos militares, problemas sócio-econômicos e catástrofes naturais.

---

<sup>1</sup> Agradecimento especial ao Prof. Rafael Madureira (Unicamp) pela revisão gramatical e lingüística do texto, a Palhaços Sem Fronteiras por esta incrível oportunidade e também aos meus companheiros de missão Julián, Letícia, Cristina, Marta e Luismi.

<sup>2</sup> Uma Organização não Governamental - ONG é um tipo associação voluntária com fins e objetivos definidos por seus integrantes criada independentemente dos governos locais, regionais e nacionais, assim como também dos organismos internacionais (Fontes: Fundação Lealtad <http://www.fundacionlealtad.org> e Wikipedia <http://es.wikipedia.org/wiki/Ong>).

Entidades como *Médicos Sem Fronteiras*<sup>3</sup>, *Cruz Vermelha*, *Safe The Children* ou *Médicos do Mundo*, representam atualmente grande parte das possibilidades de assistência aos grupos mais necessitados em quase todas as partes da geografia mundial. Por outro lado, outras organizações com menor infra-estrutura e de ação social mais limitada, como é o caso de *Palhaços Sem Fronteiras*, compõem um coletivo de entidades e pessoas que levam ajuda humanitária de forma contínua e responsável às populações carentes.

Algumas destas organizações dedicam-se à minimização das conseqüências das situações extremas já mencionadas atendendo à população envolvida de forma imediata e buscando solucionar problemas básicos de subsistência como, por exemplo, o tratamento de lesões, doenças infecciosas, surtos generalizados, além de problemas de saneamento básico, habitação, alimentação. A ajuda humanitária normalmente se mantém nas zonas afetadas por um prolongado período de tempo, ou pelo menos é o que deveria ocorrer, buscando a estabilização social, cultural e econômica destas regiões para que possam, num futuro próximo, desenvolverem-se autonomamente. Neste sentido, algumas organizações realizam trabalhos de reconstrução permanente de moradias, dos sistemas de tratamento e saneamento básico, dos sistemas educativos e sociais elementares, da produção alimentos e água, da superação psicológica de traumas e conflitos e, fundamentalmente, do planejamento familiar, político e sócio-econômico.

Foi visando exatamente a segunda parte da ajuda humanitária, um auxílio pós-emergencial que deve ser realizado de forma contínua para que os necessitados possam retomar a normalidade de suas vidas uma vez superados os primeiros impactos destas situações-limite, que motivou a criação da ong *Palhaços Sem Fronteiras*<sup>4</sup> no ano de 1993 em Barcelona, Espanha. Durante os 12 anos de existência, esta organização sem ânimo de lucro vem defendendo o potencial do riso como catalisador do processo de recuperação física e psicológica das pessoas envolvidas nos conflitos. Além disso, trata-se de uma organização que pretende divulgar as artes circenses em todas as regiões por onde atua.

---

<sup>3</sup> Conforme podemos observar na página web oficial (consultada em 28-4-05), Médicos Sin Fronteras (MSF) “es una organización humanitaria internacional fundada en 1971 en Francia de acción médica que aporta su ayuda a poblaciones en situación precaria y a víctimas de catástrofes de origen natural o humano y de conflictos armados, sin ninguna discriminación por raza, religión o ideología política. En reconocimiento a su labor humanitaria. MSF recibió el Premio Nóbel de la Paz en 1999.

### Foto 1. Espetáculo no campo de refugiados de Titukovil

Desde sua criação, *Palhaços Sem Fronteiras* realizou missões humanitárias em diversos países e regiões como, por exemplo: México, Guinéa Equatorial, Guatemala, Palestina, Croácia, Afeganistão, Brasil, Colômbia, Marrocos, Costa Rica e outras regiões do Saara Ocidental, desenvolvendo alguns projetos temporários ou pontuais e outros de caráter permanente em colaboração com entidades e governos locais.

No dia 26 de dezembro de 2004, todo o mundo ficou comovido pelas notícias que chegavam do sudeste asiático descrevendo as terríveis conseqüências do terremoto e do posterior *tsunami* que devastou aquela região do planeta. Imediatamente iniciou-se uma série de discussões de planejamento de auxílio à população envolvida, principalmente pensando na superação dos traumas sofridos pelos adultos e especialmente pelas crianças. Pretendeu-se minimizar o sofrimento destas pessoas com o riso e a alegria que o circo, em seus diversos desdobramentos, pode oferecer.

Imediatamente, através de um convênio institucional entre *Palhaços Sem Fronteiras* e *Médicos Sem Fronteiras* foi organizado duas missões de aproximadamente 20 dias de duração cada uma, contando com a participação de 12 artistas. Os profissionais envolvidos dedicaram-se de maneira totalmente voluntária na operação, sem qualquer ajuda de custo ou remuneração.

#### **MISSÃO SRI LANKA: UM PEQUENO GRÃO DE AREIA NA A RECONSTRUÇÃO DA VIDA DE MILHARES DE PESSOAS**

Nossa missão começou no meio de fevereiro ainda em Barcelona com algumas reuniões norteadoras. Planejamos as atividades e coordenamos as ações com a ajuda de *Médicos Sem Fronteiras* que já estava presente na região desde o dia posterior à tragédia. Anteriormente, passamos por uma série variada e dolorosa de vacinações contras diversas doenças (dengue, febre amarela, tifo, raiva, tétano, malária), algumas das quais pensávamos que já estavam erradicadas.

---

<sup>4</sup> Segundo a página oficial da entidade: “Payasos sin Fronteras es una asociación sin ánimo de lucro, de ámbito internacional y de carácter humanitario creada por un colectivo de artistas procedentes del mundo de las artes escénicas. Formada por payasos, otros artistas y socios solidarios tiene dos objetivos: mejorar

A missão partiu de Barcelona dia 24 de fevereiro. Os dois líderes do grupo viajaram quatro dias antes para realizar todos os preparativos de nossa chegada como a agenda de atividades, o transporte e a alimentação. Chegamos a Colombo, capital sirilanesa, no dia 25 de fevereiro depois de passar por Dubai (Emirados Árabes), enfrentando mais de 20 horas de viagem. Com o auxílio de um guia logístico de *Médicos Sem Fronteiras*, de um motorista e de intérprete local, fomos levado à região onde trabalhamos a maior parte do tempo. Em resumo, cerca de 17 horas de viagem cruzando transversalmente todo o país.

Já no estado de Ampara, mais precisamente na cidade de Kalmunai, região nordeste e a mais afetada pelo *tsunami*, nos instalamos numa casa alugada por *Médicos Sem Fronteiras* e que se tornou nosso campo-base entre as inúmeras viagens e atuações que transcorreram nos dias seguintes.

#### Foto 2. Uma palhaçada em Kalmunai

Desde o princípio, a ajuda logística e especialmente a orientação cultural e sanitária do grupo de *Médicos Sem Fronteiras* da Espanha, responsável pela missão, foi fundamental para que não ocorresse nenhum problema de saúde com o grupo e para que ficássemos tranquilos no cumprimento de nossos objetivos, realizando o maior número de apresentações e oficinas possíveis no período de tempo que o projeto abarcava.

Dia a dia acordávamos bem cedo e depois de um breve café da manhã carregávamos nossa “van”, sempre pontualmente com nosso fiel protetor, guia e tradutor Mr. Hatman, com o material do espetáculo e saíamos para a primeira missão mambembe do dia. Normalmente visitávamos dois ou três campos de refugiados ou escolas diariamente (existiam mais de cem somente naquela região). Pedíamos a autorização para os responsáveis do local, embora na maior parte das vezes a apresentação já estava combinada. Montávamos nosso pequeno cenário composto por um tapete, duas caixas de som e dávamos um pequeno toque da maquiagem. Não era a

---

la situación psicológica de las poblaciones de campos de refugiados y zonas de conflicto y exclusión; y sensibilizar nuestra sociedad y promover actitudes solidarias” ([www.clowns.org](http://www.clowns.org) - Consulta: 12-5-05).

preciso chamar a atenção do público que já se encontrava ao nosso redor, aguardando com curiosidade e ansiedade a atuação daqueles seres estranhos disfarçados de palhaços. A entrevista realizada por René e Fernández (2005: 21) a um dos participantes da primeira missão mostra outros detalhes de nossas operações, além de outras impressões pessoais sobre todo o trabalho realizado.

A gratidão do público e das autoridades locais pôde ser percebida facilmente através dos risos e das incansáveis saudações de agradecimento. Isso foi, sem dúvida, a principal motivação para que pudéssemos superar as adversidades climatológicas (um calor de 40 graus) e os poucos recursos e a complexa situação vivida naquele momento. Com este incentivo humano, pudemos realizar muitos espetáculos num breve período de tempo sem que nos sentíssemos arrebatados pelo cansaço. Talvez um depoimento que expressa claramente a importância do trabalho realizado foi o dado pelo diretor de uma das escolas visitadas: “graças a vocês hoje foi o primeiro dia que nossas crianças foram para casa falando de outra coisa que não fosse o medo de que voltasse a acontecer outro tsunami: o único que falavam era sobre nossa atuação”<sup>5</sup>.

Nossa estância no Sri Lanka foi uma prova da possibilidade de uma convivência harmoniosa entre pessoas, línguas, culturas, religiões e costumes diversos. É realmente incrível perceber que as diversas mesquitas (maioria na região de Kalmunai), templos budistas, hinduísta e algumas igrejas católicas e protestantes concorriam lado a lado sem qualquer antagonismo ou oposição de forças.

Outro aspecto que gostaríamos de salientar relaciona-se com a questão lingüística. No Brasil, apesar de suas extensas dimensões geográficas, nos comunicamos numa única língua, em todas latitudes. Países como Sri Lanka revelam uma realidade completamente diferente. O língua oficial do Sri Lanka é o “cingalês”, no entanto, na região de Kalmunai impera o idioma Tâmil. Além disso, muitos habitantes se comunicam em árabe, em hindu ou em inglês. Basta viajar algumas dezenas de quilômetros para perceber outros dialetos e variações destes idiomas que remontam eras milenares da civilização. Trata-se de um enorme desafio para o governo na organização dos programas de educação e desenvolvimento sociocultural e também para os missionários.

Por outro lado, esta região vive há décadas um conflito armado entre a milícia paramilitar denominada Exército Tâmil e o governo. Esta permanente tensão gera choques e enfrentamentos graves resultando em vítimas fatais, o que gera controles freqüentes do exército federal e esporádicos toques de queda. Apesar do “cessar fogo” declarado por ambas partes por conta da catástrofe, fomos obrigados a permanecer por um dia inteiro em nossa residência, pois na noite anterior ocorreram alguns assassinatos nas cidades que visitávamos. Durante o dia as ruas e estradas não eram seguras e, além disso, o exército procedia com controles mais detalhados, sendo muito perigoso o deslocamento de um lugar a outro.

A maioria de nossos espetáculos foi acompanhado de perto por soldados armados que faziam à proteção dos centros educativos ou dos campos de refugiados. Talvez a experiência mais marcante foi à chegada de um caminhão com várias guerrilheiras fortemente armadas denominadas Tigresas Tâmil (uma facção desta milícia formada somente por mulheres). Elas limitaram-se a observar os nossos trabalhos e a oficina que ministrávamos a um grupo de jovens nativos<sup>6</sup>.

Também chamou nossa atenção a constante presença de animais, vacas, cachorros, cabras, ovelhas que, segundo nosso guia, “que não tinham dono”. Estes animais vagavam pelas ruas e estradas alimentando-se dos restos que encontravam. Da mesma forma, convivíamos com os mercadores de rua que vendiam carne, peixe ou qualquer coisa que pudesse ser vendida ou trocada. Finalmente observamos o contraste projetado nas diversas lojas de jóias, ouro e tecido finos que se alastravam em quase todas as vilas e cidades que visitamos.

Durante nossa viagem vimos que grande parte das escolas, hospitais, centros comunitários, casas, barcos e tudo que estava construído na costa foi arrasado pelas duas ondas gigantes. Vimos como uma cultura acostumada a construir a maior parte da sua vida social a beira do mar, fonte de grande parte de sua subsistência através da pesca, foi reduzida a escombros em minutos.

---

<sup>5</sup>Cita original em espanhol (René e Fernández, 2005: 21).

<sup>6</sup> A Fundação Forut, outra ONG também em missão humanitária nesta área, organizou as condições logísticas e materiais para que realizássemos um curso de formação em técnicas circenses (malabarismo, clown, acrobacias) destinado a um grupo de 30 jovens. Nossa intenção foi instrumentalizar um grupo de trabalho que desse continuidade ao projeto realizando atividades circenses após nossa partida.

Viajamos mais de 1.000 km ao longo da costa deste país e realmente tudo se encontrava destruído. A imagem mais impressionante observada, se for realmente possível destacar algo deste terrível panorama, foi um trem com suas linhas férreas totalmente retorcidas no qual, segundo as autoridades e testemunhas, mais 4.000 pessoas morreram pois a onda gigante acertou o comboio justamente no momento em que atravessava o local.

Nos últimos dias desta expedição, deslocamo-nos para o sul do país e colaboramos com outras missões de *Médicos Sem Fronteiras* da Suíça e da França, momento em que pudemos perceber que a realidade desta região era um pouco distinta pois, apresentando-se como uma importante zona turística, estava mais desenvolvida e pôde responder mais rapidamente aos problemas mesmo encontrando-se num estado de destruição bastante semelhante.

Foto 3. Los super palhaços

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em primeiro lugar, gostaríamos de ressaltar que somente através da colaboração institucional foi possível realizar este projeto humanitário, uma experiência que deveria inspirar uma reaproximação global entre as ongs e outros tipos de organizações dedicadas ao auxílio humanitário.

Nesta situação extrema percebemos como profissionais de distintas especialidades (bombeiros, engenheiros, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas, advogados entre outros) atuam sob o refrão “sem fronteiras”, colaborando, cada qual com seu conhecimento específico, por uma causa comum e mais importante que qualquer outro motivo político, burocrático ou social: a solidariedade. Nesta lição observamos que todos podem ajudar com aquilo que sabem fazer, não sendo preciso atuar apenas em situações extremas. É possível colaborar com projetos desta natureza, principalmente porque temos problemas bastante graves em nossa sociedade que poderiam, seguramente, ser minimizados com a integração dos diversos setores.

Não poderíamos concluir sem mencionar que nas últimas décadas observamos a aparição e a expansão de pequenas associações filantrópicas como, por exemplo,

*Doutores da Alegria, Doutores do Barulho*<sup>7</sup>, através das quais palhaços, *clowns* e outros artistas (músicos, acrobatas, equilibristas, pintores, escultores, bailarinos) se dedicam a ajudar enfermos, pessoas idosas e necessitadas atuando gratuitamente em hospitais, clínicas geriátricas e outros lugares onde o riso e o divertimento poderiam promover a melhora da qualidade de vida destas pessoas. Este tipo de ajuda vem sendo pesquisada seriamente pela comunidade científica e os dados apontam que se trata de um recurso eficaz na melhora do estado físico e psíquico dos enfermos e que, além disso, permite a superação das barreiras sociais que impedem o pleno desfrute de uma vida normal.

Gostaríamos de finalizar comentando que, afinal, aquela exótica ilha não pareceu tão estranha. Tanto os pratos, como a vegetação, o clima e os animais (excetuando-se os elefantes) assemelham-se bastante com algumas regiões brasileiras. A mesma experiência, no entanto, foi bastante diferente para meus companheiros espanhóis. Também é certo que o uso tão intenso de especiarias na preparação dos alimentos, as vestimentas, a música, os costumes e hábitos festivos e cerimoniais e as práticas religiosas (budismo, islamismo, hinduísmo, taoísmo) são totalmente diferentes das que tínhamos vivenciado anteriormente, contribuindo para o caráter inesquecível desta experiência que não poderá jamais ser esquecida.

Foto 4. Acrobacias para rir e divertir-se

## REFERÊNCIAS

CLOWN CARE UNIT (EUA) <http://www.goodnewsbroadcast.com/clown.html>

DIE KLOWN DOKTOREN (Alemanha) <http://www.doctor-clowns.de/>

DOUTORES DA ALEGRIA [www.doutoresdaalegria.org.br](http://www.doutoresdaalegria.org.br)

---

<sup>7</sup>Doutores da Alegria foi fundada em 1991 em São Paulo por Wellington Nogueira depois de colaborar em EUA com o pioneiro projeto do Big Apple Circus em Nova York que deu origem a Clown Care Unit. O projeto *Médicos do Barulho* está em funcionamento em Juiz de Fora desde 1996 com as mesmas características dos anteriores. Estas associações brasileiras realizam o mesmo trabalho que outras entidades internacionais como Die Klown Doktoren (Alemanha), Fundación Doctora Clown (Colômbia), Le Rire Medecin (França) e Somriures Sense Fronteres (Espanha). A maior parte destas instituições se dedica a apresentações em hospitais, clínicas e outras entidades sanitárias, especialmente para crianças e idosos. Gradualmente também estão começando a atuar em outros campos como em zonas de alto índice de pobreza ou com problemas sociais significativos.

FUNDACIÓN DOCTORA CLOWN (Colombia) <http://www.doctoraclown.org/>

LE RIRE MEDECIN (França) <http://www.leriremedecin.asso.fr>

MÉDICOS DO BARULHO (Juiz de Fora) [www.geocities.com/eureka/4121](http://www.geocities.com/eureka/4121)

MÉDICOS SIN FRONTERAS (Espanha / Internacional) [www.msf.es](http://www.msf.es)

MÉDICOS SIN FRONTERAS (MSF) (2005). Emergencia en el sureste asiático. Revista MSF, Fevereiro, n. 61, Maia Esparza: Barcelona.

MENDONÇA, Luciana (1999). *Terapeutas do riso levam alegria às crianças hospitalizadas*. Jornal digital ACESSA.com (20-3-2005).

PAYASOS SIN FRONTERAS (Palhaços sem Fronteiras – Espanha / Internacional) [www.clows.org](http://www.clows.org)

RENÉ, Moisés e FERNÁNDEZ, Juanjo (2005). Payasos sin fronteras: una risa vale más que mil palabras. *Revista Zirkolica*, Ano II, nº 5, Barcelona, Escola de Circ Rogelio Rivel, p. 20-21.

Endereço:  
Setor de Publicações  
Rua Vizconde de Ouro Preto, 457 – Centro]  
88020-040 – Florianópolis / SC  
E-mail: marco@bortoleto.com

Recebido em: 09/2005  
Aprovado em: 10/2005